

E a história começa no cafezal

GRÃO DE OURO

Principal atividade econômica do Espírito Santo sofre duas crises: uma por volta de 1929, durante a quebra da Bolsa americana; e outra nos anos 60, na política de erradicação do grão em todo o país. Décadas depois, a cultura cafeeira dá a volta por cima



O café já representou mais de 70% da economia do Espírito Santo, mas perdeu essa posição para a indústria e serviços. Depois de passar por duas grandes crises – a

primeira em 1929 com a quebra da Bolsa de Nova York, e a segunda com a política de erradicação dos cafezais no início da década de 60 – a cultura do café tornou-se rentável novamente e, apesar de menor participação no PIB estadual, continua presente em todos os 78 municípios capixabas.

Até o final dos anos 50 do século passado, a variedade arábica dominava os plantios em todo o país, inclusive no Estado. Quando houve uma superprodução mundial e os preços despencaram, a decisão do governo federal, em 1962, foi de determinar a erradicação das lavouras que estavam fora dos padrões do Instituto Brasileiro do Café (IBC), fora do zoneamento agrícola (regiões inaptas para o café) e que representavam produtividade inferior a seis sacas beneficiadas para cada um mil pés plantados. Essa produtividade era considerada antieconômica.

Foram erradicados 53% dos cafezais do Estado, o que representou 71% da área cultivada, como publicou A GAZETA na época.

A medida levou também à erradicação de 60 mil empregos diretos. Houve migração de 120 mil pessoas para as cidades. "Foi um momento muito grave para a economia", lembra o superintendente do Centro Tecnológico do Café (Cetcaf), Frederico Daher.

Apesar da gravidade da situação, a erradicação representou uma mudança grande no Estado, com a criação de mecanismos de incentivo fiscal para atrair investimentos industriais para gerar renda e emprego.

Outra grande mudança foi o trabalho de melhoria das lavouras de café que restaram e a busca por uma alternativa para a Região Norte, considerada inapta para a cultura do arábica. Nesse momento entram em cena duas personalidades importantes para a cafeicultura do Norte: Dário Martinelli e Eduardo Glazar, que decidiram, apesar da contrariedade do governo federal, introduzir a variedade conilon no campo, mais adequada ao clima e solo da região. Visto como um café de qualidade inferior, que só servia para fazer o "blend" com o arábica, o conilon passou a representar uma boa alternativa de renda para o Norte. O café continua importante para o Espírito Santo. No ano passado, gerou R\$ 1,8 bilhão de renda anual para os agricultores.



ELE ENXERGOU LONGE. O produtor Dário Martinelli foi pioneiro na introdução do café conilon no Estado, na década de 60, época de crise na lavoura. FOTO: CEDOC/AG